

Puebla na atualidade e atualidade de Puebla

Puebla in the present and topicality of Puebla

João Décio Passos*

Recebido: 23/06/19

Aprovado: 10/07/19

Resumo:

A presente reflexão levanta a pergunta pela atualidade da Conferência de Puebla. Quarenta anos depois, em um contexto marcado por significativas mudanças globais e locais, o que terá restado dos ensinamentos da III Conferência? A resposta conduz para o centro da problemática hermenêutica: a relação necessária entre a objetividade de um texto do passado e a realidade presente. O olhar sobre a realidade presente com suas interrogações e o olhar para a normatividade do texto do magistério local especificam a questão e permitem trazer à luz os elementos atuais de Puebla.

Palavras-chave: América Latina, Hermenêutica, História, Igreja, Puebla.

Abstract:

The present reflection raises the question for the actuality of the Conference of Puebla. Forty years later, in a context marked by significant global and local changes, what has remained of the teachings of the Third Conference? The answer leads to the center of the hermeneutic problematic: the necessary relation between the objectivity of a text of the past and the present reality. The look on present reality with its questions and the look at the normativity of the text of the local magisterium specify the question and allow to bring to light the current elements of Puebla.

Keywords: Latin America, Hermeneutics, History, Church, Puebla.

* João Décio Passos é livre-docente em teologia pela PUC-SP, professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião dessa mesma universidade e professor no ITESP.

Introdução.

O contexto atual é nitidamente diferente daquele que possibilitou e produziu a III Conferência do Episcopado Latino-americano nos idos de 1979. As transformações ocorridas desde aquele final de década foram planetárias e radicais; a maioria delas jamais cogitadas e sequer imaginadas. Naquele fim de década ninguém ousaria pensar na queda do Socialismo que ocorreria dez anos depois. Já se desenhavam os primeiros sinais de inserção do Continente na globalização econômica; porém, sem as condições tecnológicas da completa financeirização do Capitalismo e da comunicação mundializada. As tele mídias de então estavam restritas à TV e ao telefone. Embora a consciência política da situação de dependência do continente fosse aguçada, ainda não se tinha consciência da crise ecológica planetária. A consciência da produção histórica da pobreza e do protagonismo social, político e eclesial dos pobres não abarcava na mesma proporção outros excluídos, como a mulher, os negros e, sequer pensava, nos grupos homossexuais. A experiência eclesial na América Latina legou avanços e exigiu novas respostas a novos desafios que emergiam com o passar dos anos. O número de católicos declinou proporcionalmente ao avanço das Igrejas pentecostais e também dos que se declaram sem religião ou ateus. As ditaduras caíram. Chegaram os governos democráticos de esquerda e de direita. Os governos de direita têm voltado ao poder, regurgitando os valores e as práticas das ditaduras daquela época. Por trágico que pareça, o que se configura hoje como cenário econômico e político no Continente parece estar mais próximo daquela época do que até pouco tempo de retomada democrática e de governos sensíveis à superação da pobreza.

A pergunta pela atualidade de Puebla se insere antes de tudo nesse contexto histórico novo, como novas interrogações e novos desafios. E, do ponto de vista hermenêutico, não há como ser diferente: o texto de Puebla só poder ser interpretado a partir do presente. Como em todo texto, o significado original de Puebla construído por seus autores há quarenta anos não fala por si mesmo sem o contexto atual. É precisamente

a partir das condições atuais (da economia, da política, da cultura e da Igreja) que Puebla pode e deve ser interpretada. O significado do Documento de Puebla (DP) está em construção nos dias de hoje pelos sujeitos eclesiais que a ele se aproximam na busca de algum significado.

1. O evento eclesial e o texto na história.

É verdade que todo texto, uma vez publicado, está entregue às interpretações e aos interesses dos sujeitos que dele se apropriam em cada tempo e lugar. Nenhum texto permanece, portanto, fixo em seus significados, numa espécie de literalidade pura ou de objetividade acabada. Essa questão central da hermenêutica concretiza-se no DP, quarenta anos depois. A circularidade hermenêutica entre a objetividade textual e os pressupostos inerentes à visão dos receptores distintos no tempo e no espaço é um dado inevitável em todo exercício de recepção; é dessa circularidade que brota os significados possíveis e, portanto, de afirmação de uma verdade (cf. GADAMER, 2002, p. 400-458). Os significados do DP estão em permanente construção desde que o evento foi formulado em seus resultados finais. A reserva de significado do texto se mostra, de fato, a cada contexto histórico em dimensões variadas e revela sempre uma atualidade possível. A pergunta pelo significado atual de Puebla reproduz a prática hermenêutica geral e, ao mesmo tempo, a prática própria da tradição cristã que articula necessariamente o presente com uma normatividade do passado. As perguntas feitas no momento presente abrem a objetividade do texto do passado e oferecem significados a respeito do mesmo. Nesse sentido hermenêutico, não há rigorosamente separação completa entre passado e presente, entre objetividade e subjetividade, mas relação permanente entre as duas dimensões, construção contínua de significados. O DP continua entregue à interpretação atual, resta examinar os caminhos possíveis dessa construção.

Por outro lado, do ponto de vista do processo histórico, todo movimento renovador tem seu ciclo de atuação e tende a rotinizar-se com o passar das gerações e com o advento de novas necessidades históricas. Nesse aspecto, o destino histórico de Puebla não poderia ser diferente. Trata-se de um texto que, não obstante seu caráter normativo, na condição de pronunciamento do magistério local, está sujeito às dinâmicas da recepção que envolve sempre objetividade textual e subjetividade do receptor, da mudança histórica e, portanto,

da circularidade entre texto do passado e contexto presente e da pergunta pela atualidade da mensagem comunicada no passado.

a) A tradição da fé cristã e os desgastes históricos.

O frescor inaugural de todo movimento renovador – o carisma *in statu nascendi* - tem seus limites inerentes, uma vez lançado na correnteza do devir histórico. Nenhum ideal ou projeto permanecem vivos em suas promessas originais ou intactos em suas formulações. As sucessivas conjunturas históricas e as mudanças culturais provocam inevitavelmente adaptações, quando não superações daquilo que um dia se apresentou como ideal viável. Em analogia às categorias weberianas, todo carisma rotiniza-se com o passar do tempo (cf. WEBER, 1997, p. 197-201). Nesse sentido, é oportuno verificar a hipótese de um desgaste do projeto eclesial de Puebla nessa temporalidade historicamente dinâmica, se olhada do ponto de vista do que ocorreu no mundo e no continente, bem como no interior da Igreja.

Nos anos que se seguiram ao evento alguns fatos podem ajudar a entender os desgastes. O primeiro deles é o desaparecimento da geração dos pioneiros, de modo particular, aquela geração de bispos ungidos pelo espírito de *aggiornamento* do Vaticano II e que havia construído Medellín. A superação da geração dos diversos sujeitos eclesiais que assumiram o projeto da III Conferência faz com que uma leitura e uma prática consensuais – uma cultura eclesial - não somente perdessem gradativamente sua mística e sua operacionalidade, mas também abrisse a possibilidade de diferentes releituras. A história da Igreja atesta esse dado, desde o cristianismo primitivo que elaborou e escreveu as sucessivas leituras do carisma original, até os Concílios mais recentes. Um Concílio sucede o outro na busca de atualização do carisma / verdade cristã no tempo e no espaço. No âmbito latino-americano vale o mesmo princípio: uma Conferência sucedeu a outra precisamente com o intuito de manter viva uma tradição local, na medida em que os contextos vão emergindo com suas interrogações e desafios. O cristianismo lidou dessa maneira com os desgastes históricos de seu carisma original. A era inaugurada pelo Vaticano II trouxe de volta esse método, superando um conceito de verdade e de tradição por demais fixos e entregues a um magistério papal centralizado. É nessa compreensão de tradição – como transmissão – e de discernimento da fé na história que passa que descansa Puebla e as Conferências anteriores e posteriores (cf. THEOBALD, 2015, p. 122-202). A fé cristã é transmitida historicamente a cada geração e, no interior desse ato de transmissão,

confronta o passado com o presente e renova-se no presente. É próprio dessa dinâmica antes de tudo a renovação: a mensagem de fé ressurgente dos desgastes históricos e fala de novo de si mesma na forma mais eloquente e relevante para a geração presente.

De fato, todo texto doutrinal paga o preço inevitável de sua continuidade histórica como tradição a ser preservada: cada geração se apropria de seus significados, se segundo as interrogações de seu tempo. Nesse sentido, os textos eclesiais ficam submetidos a uma recepção permanente de seus significados, podendo ser relidos em cada tempo e lugar. Portanto, o exame do que se pode chamar de *desgaste histórico de Puebla* pode ser olhado, tanto a partir das mudanças históricas que revelam os limites hermenêuticos de um texto paradigmático, na medida em que faz emergir novos problemas e novas interrogações que ele não mais responde, ou, do ponto de vista da própria luta pelo seu significado, desde o momento em que é promulgado.

Pode-se afirmar que o primeiro movimento de desgaste é inerente à história dos modelos políticos e teóricos. A história se encarrega de esgotar as ofertas de sentido e determinadas compreensões veiculadas por um texto. Os paradigmas teóricos se sucedem na história, ensinou Kuhn (2001, p. 93, 105 e 116.). Portanto, caberá sempre a pergunta pela atualidade de um modelo teórico, no caso de um modelo teológico-pastoral.

O segundo movimento parece ser inerente à Igreja, uma vez que os textos são elaborados em assembleias que trabalham na busca do consenso. E sob os consensos estabelecidos subjaz sempre o dissenso dos perdedores como germe de uma hermenêutica distinta daquela assumida como oficial. É evidente que as lutas hermenêuticas são feitas por sujeitos situados historicamente e dedicados a afirmar determinadas conjunturas como legítimas – no caso da Igreja eclesialmente corretas – e negar a outras como ilegítimas. O paradigma Puebla inicialmente consensual sofrerá desgastes, na medida em que conjunturas eclesiais distintas de seus ideais originais vão sendo construídas no Continente a partir de projetos eclesiais centralizadores. Os vencidos em um processo de construção de consenso podem emergir e travarem uma luta por outra interpretação, segundo suas perspectivas. É precisamente o que ocorreu no Vaticano II e que Massimo Faggioli denomina como *luta pelo sentido* (2013).

a) A objetividade do texto e as interpretações contextualizadas

Nenhum texto se mantém fixo com um significado imutável no decorrer do tempo. A distância histórica entre o autor e o receptor. Cada época histórica, explica Gadamer,

entende diferentemente um texto que recebe do passado, uma vez que esse *texto forma parte do todo da tradição, na qual cada época tem um interesse pautado na coisa ou onde ela procura entender a si mesma*. O sentido de um texto não é somente aquele originário intencionado pelo autor, mas é *determinado pela situação histórica do intérprete* e por seu contexto mais amplo (2002, p. 443-444).

No caso dos textos doutrinários, a questão se torna mais relevante por seu caráter normativo que visa, portanto, ensinar às gerações seguintes. A pergunta pela atualidade de um texto normativa é de fato essencial. Quando essa pergunta é evitada, ocorre a mistificação do texto que o retira do processo histórico como verdade definitiva e imutável a ser reproduzida tal qual em todo tempo e lugar: assumem essa postura os fundamentalistas em relação ao texto bíblico e os tradicionalistas em relação a certos modelos interpretativos do passado. Ambos se esquecem da historicidade das formulações e da historicidade dos receptores. A pergunta permanente pelo sentido atual de um ensinamento é inerente ao exercício da tradição católica e vem construindo a transmissão da fé no decorrer da história. A fé pergunta sempre pelo significado de seus fundamentos catalogados nos vários textos fundantes; pergunta por razões de fidelidade ao segmento da verdade em cada tempo e lugar e por razões epistemológicas, de decodificação dos significados lógicos, conceituais e culturais de das formulações utilizadas pelo texto para expressar a fé. O Vaticano II foi um marco hermenêutico que visou interpretar a longa tradição no tempo presente. O Papa João XXIII captou essa dinâmica e a expressou em seu famoso discurso de Abertura do Concílio quando distinguiu: *Uma coisa é a substância do «depositum fidei», isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance* (Kloppenburg, 1963, p. 307-308). A tarefa de interpretar o presente a partir da tradição e a tradição a partir do presente entregou aos padres conciliares não somente um desafio metodológico novo perante uma concepção fixa de tradição e essencialista de verdade, mas a inauguração de uma nova mentalidade eclesial que abriria uma nova prática eclesial demarcada pela consciência histórica: a historicidade da fé acolhida como revelação, interpretada pela Igreja em cada tempo e lugar. A categoria teológica, analítica e metodológica *sinais dos tempos* sintetizou essa nova postura. As Conferências do Episcopado latino-americano se inscrevem nessa consciência e levam avante essa era eclesial. A consciência da missão histórica da Igreja – dentro da história e pela história –

como sinal do Reino e como povo de Deus fundamenta e direciona as suas definições e opções pastorais onde estiver. Essa mesma consciência exige o discernimento permanente das situações concretas em busca da fidelidade à sua missão mais primordial: de encarnar a Palavra na história.

b) A luta pelo sentido de Puebla.

No caso de Puebla essa luta hermenêutica teve suas particularidades, na medida em que a III Conferência foi desencadeada e realizada numa luta pela revisão do sentido de Medellín e, evidentemente, do Vaticano II (cf. FAGGIOLI, 2013). A literatura sobre essa temática é farta e a constatação já se faz presente no próprio processo que conduziu para a realização o evento. Nesse aspecto, pode-se falar de um sentido ambíguo da III Conferência, na medida em que conjuga em suas definições distintas posturas e, por conseguinte, distintas teologias. A busca de revisão dos rumos da Igreja latino-americana se inscrevia, evidentemente, na revisão maior do sentido do Vaticano II.

Além das testemunhas diretas que descrevem as lutas internas da III Conferência (cf. DUSSEL, 1983; FREI BETTO, 1979; LIBANIO, 1982), o texto final revela os diferentes modelos em confronto e, no mais das vezes, em negociação. O documento se estrutura a partir do método ver-julgar-agir e, nesse esquema lógico geral, deixa transparecer uma coerência analítica. No entanto, o exame mais minucioso detecta sem grandes esforços a presença de diferentes matrizes teológicas. Há, de fato, uma teologia de viés clássico corporificada de modo mais compacto e integral na parte doutrinal (Julgar) que insere as orientações de Puebla no território de uma pretendida ortodoxia e opera, ao mesmo tempo, correções a supostos desvios da teologia na América Latina. Podem ser observadas correções na linha das três verdades que estruturam a Conferência: a) correções cristológicas (n. 176, 178, 179, 1166); b) correções eclesiológicas (n. 222, 223, 262 e 263); c) correções antropológicas (n. 308-315). Podem ainda ser observadas também correções referentes à teologia da salvação (n. 353, 354) e, sobretudo, nos reparos ao conceito de libertação (n. 26, 141, 189, 321, 475, 480, 481, 482, 488, 489, 696, 895, 1026, 1134) e, de modo enfático, no método teológico que faz uso da análise marxista (n. 91, 544 e 545).

Essas correções foram posteriormente sistematizadas pelo então secretário da Conferência, Alfonso López Trujillo, dando destaque às questões eclesiológicas (Comunidades Eclesiais de Base, Hierarquia e Ministérios no confronto com a chamada *igreja popular*) e de metodologia da Teologia da Libertação (opção pelos pobres e

mediação da análise marxista). A perspectiva exposta por Trujillo é reveladora da visão revisora da III Conferência que alinhou personagens, discursos e estratégias antes, durante e depois do evento (1982).

Portanto, a pergunta pelo sentido de Puebla exige a tomada de consciência não somente da objetividade do texto (DP), mas também dos pressupostos que estiveram por baixo da luta pelo sentido daquele evento, antes, durante e depois de sua realização. Antes da pergunta pelo sentido de Puebla, há que se perguntar pelo sentido de Medellín e, antes, ainda, pelo sentido do Concílio Vaticano II. É, sem dúvidas, a partir do Concílio que se pode reconstruir uma sequência hermenêutica que situa Puebla em uma tradição recente da Igreja que se propôs a fazer um *aggiornamento* ao mundo moderno, com todas as consequências teológicas, metodológicas e pastorais de tal opção. Sem essa inserção na temporalidade e na mentalidade eclesiais do Vaticano II, Puebla se esvazia e se perde na periferia da Igreja universal mediante algumas concepções ligadas ao imaginário e à práxis eclesiais anteriores ao Concílio, tais como: a) a visão essencialista da doutrina cristã-católica que entende as decisões de cunho pastoral como de menor relevância normativa; b) a visão fixa de tradição, compreendida como repetição de um ensinamento do passado, repetição que não comporta a pergunta pela atualização; c) a visão hierarcológica e papista de Igreja que não acolhe o exercício da colegialidade como afirmação de um consenso de fé a ser acolhido e vivenciado pelo conjunto do corpo eclesial; d) a visão centralizadora da Igreja que não entende a Igreja local como presentificação plena da Igreja universal apta a exercer nesse âmbito a sua função de ensinar (magistério); e) visão tradicional de teologia que identifica um modelo clássico como a teologia e nega a legitimidade de outros modelos elaborados no epicentro do Vaticano II, sobretudo, aquele elaborado na América Latina.

É precisamente na era histórica, eclesial e teológica do Vaticano II que Puebla se insere como evento carregado de significado eclesial; aí localizada, a III Conferência, revela um significado como transmissão da fé na atualidade da história. Nessa perspectiva Puebla é um evento eclesial situado como um elo entre um antes e um depois, como momento do Espírito que conduz a Igreja na história na busca do discernimento de sua missão.

2. Quarenta anos depois: o significado sempre novo.

Não obstante esse significado histórico-teológico fundamental, a pergunta pela atualidade dos ensinamentos de Puebla deve ser colocada, uma vez que compõe um elo de uma tradição que avança na história e se renova a cada geração, concretamente a cada Conferência. O que Puebla conserva de atual depois de 40 anos, quando o mundo não é mais o mesmo? Ainda que, do ponto de vista da fé, a Igreja permaneça a mesma, do ponto de vista de sua presença pastoral no Continente, ela também passou por mudanças. O presente não exigiria novas respostas da parte da Igreja? Os textos de quarenta anos atrás não estariam superados? Ainda mais: não seria uma forma de tradicionalismo reportar a referências do passado para responder às exigências do presente? O que restou dos ensinamentos de Puebla, tendo em vista sua própria intuição: responder aos clamores do presente, fazendo a leitura dos sinais dos tempos?

a) - As respostas às velhas interrogações.

As repostas a essas interrogações relevantes são de ordem eclesiológicas, históricas e hermenêuticas. Uma primeira consideração é, portanto, de ordem doutrinal. Antes de tudo há que considerar o significado daquelas decisões como tradição e magistério da Igreja. A Igreja católica se entende como comunidade que acolhe e transmite as verdades da fé no decorrer da história, de forma que aquilo que os bispos definem e em comunhão com o papa faz parte de um patrimônio comum, sejam as definições do magistério extraordinário universal, sejam as definições dos magistérios locais. Os resultados de Puebla estão promulgados como Documento do Magistério do Episcopado latino-americano e, nesse status, sobrevive como ensinamento para a posteridade, mesmo que sob os impactos do tempo e das mais diversas leituras. Não se trata, evidentemente, de Magistério papal, mas de um ensinamento do Magistério local que integra o conjunto da tradição e dos ensinamentos da Igreja. Nesse sentido de ensino oficial, os resultados da III Conferência permanecem vivos e autorizados a inspirar as compreensões e práticas eclesiais atuais, bem como as de cunho universal. Hoje se retoma os ensinamentos do Vaticano II sobre a colegialidade episcopal e, por conseguinte, sobre os magistérios locais. O Papa Francisco tem afirmado essa orientação em seus Documentos (cf. *EG* n. 32, *AL* n. 3) mas também a colocado em prática, na medida em que, invariavelmente, toma o cuidado de dialogar com as Conferências episcopais dos diferentes Continentes no decorrer de seus textos oficiais (PASSOS, 2016, p. 85-88).

Ao concluir a III Conferência, Leonardo Boff fazia um balanço de seu significado como expressão autêntica da colegialidade episcopal, munida de força moral perante as Igrejas do continente e mesmo do mundo e concluía dizendo que

Puebla se revela como **um momento do Espírito** na história de nossa Igreja. Este é o seu sentido mais profundo, apreendido somente na fé. A fé e a vontade de ser fiel ao Evangelho são, em definitivo, os critérios que nos permitem entender os documentos da III Conferência Episcopal Latino-americana e que fazem de Puebla um evento *espiritual* (1979, p. 43-44).¹

Os textos de Puebla compõem a tradição da Igreja do Continente e da Igreja universal; são textos que ensinaram e continuam ensinando validamente, ainda que os contextos sociais e eclesiais tenham se modificado nesses quarenta anos:

- *Ensinam do ponto de vista da fé*: a Igreja como comunidade viva que acolhe e interpreta Palavra na história humana, de forma a compor um patrimônio que orienta o conjunto do povo de Deus. A Igreja que se concretiza como Igreja universal na particularidade do continente latino-americano e exerce aí a ministério da colegialidade episcopal;

- Ensinam do ponto de vista histórico: os clamores ouvidos e apontados em Puebla não cessaram; ao contrário, em muitos aspectos se mostram ainda mais agudos e urgentes, tendo em vista os mecanismos de exploração do sistema capitalista mundial, os processos de alienação que deformam os valores e a vida dos povos e de cada indivíduo e os clamores da terra mediante os avanços da tecnocracia.

- *Ensinam do ponto de vista eclesial*: como uma Igreja que em nome do Evangelho recepcionou o Vaticano II, na renovação de si mesma, no diálogo com a sociedade e na luta pela justiça, consolidando a tradição dos ensinamentos de Medellín;

- *Ensinam do ponto de vista metodológico*: ao sugerirem uma formulação e uma aplicação da doutrina naquele contexto. Puebla exercita o que havia sugerido o princípio do *aggiornamento* de João XXIII e do próprio Concílio: o desafio de preservar a substância da fé renovando sua formulação em cada tempo e lugar;

b) - As repostas às novas interrogações.

O mundo de hoje, globalizado em todas as dimensões, estruturado economicamente pelo capitalismo financeiro e pela cultura de consumo, encaixa a alma humano (o desejo incessante de satisfação) com os mecanismos de produção (produtos incessantemente renovados) instaurando o ciclo desejo-consumo-satisfação como motor cada vez mais

¹ Grifo do próprio Boff.

eficiente e universalizado. A comunicação recria as relações sociais em um jogo paradoxal do próximo e do distante, do extremo individualismo e da ampliação sem limites dos contatos, do anonimato e da conexão, do real e do virtual.

A percepção dos sujeitos excluídos avançou em quantidade e qualidade. Os negros, índios, mulheres, homossexuais, minorias étnicas e migrantes adquirem hoje maior visibilidade política que na década de setenta. A pluralidade cultural e religiosa não somente avançou como fenômeno histórico, mas também como valor para a vida social e eclesial. O mesmo se pode dizer da consciência ecológica que hoje se mostra viva e atuante, diferentemente do que se podia constatar naquela época.

O mundo percebido por Puebla está totalmente refeito. Mesmo que possa receber denominações variadas, o fato é que uma nova fase da história se mostra configurada sob todos os aspectos e oferece desafios inusitados para a Igreja do Continente. No entanto, pode-se afirmar que se trata de um aprofundamento e de uma ampliação dos mecanismos geradores de pobreza e de alienação, de concentração de riqueza nas mãos de poucos, de segregação dos países ricos em relação aos países pobres, de destruição do meio ambiente, de naturalização da exclusão e da indiferença perante as situações de negação de direitos fundamentais.

A vida religiosa reproduz com suas linguagens esses processos socioculturais. A individualização religiosa avança como em todas as tradições eclesiais como parâmetro de vivência, de ritualidade e de interpretação da fé. No polo inverso, os grupos sectários crescem entre os evangélicos fundamentalistas e entre os católicos integristas trazendo de volta as velhas teologias da Cristandade. Cresce expressivamente o número dos que se declaram sem religião ou mesmo sem fé.

A realidade atual é sempre o lugar de onde se lê o passado. Não há preservação intacta de nenhum texto e captação de uma objetividade pura preservada e reproduzida às gerações (cf. GADAMER, 2002, p. 444). Nesse sentido, é somente a partir do hoje que se lê Puebla, seja qual for a leitura que se faça do evento e das orientações emanadas de seu Documento. A realidade atual oferece as interrogações, as motivações e as seleções que destacam os significados vivos de Puebla. Ademais, se o mundo mudou, os dramas humanos se agravaram e se tornaram mais globais que no final da década de setenta. Esse dado antropológico-ético indica a persistência da ganância humana e da situação de pecado

estrutural que dá a Puebla uma pertinência como nos tempos de sua primeira construção. O contexto atual mantém vivas as intuições e ensinamentos de Puebla.

A era eclesial demarcada por Puebla se encontra em marcha, dando sequência à tradição instituída em Medellín a partir do marco doutrinal e pastoral do Concílio Vaticano II e continua a ensinar:

- Perante a realidade de pobreza globalizada, ensina a ler a realidade à luz da Palavra e das ciências com o método ver-julgar-agir que se torna costume pastoral nos estudos bíblicos e regra nas análises de conjuntura, na elaboração de documentos eclesiais e de modo metodológico na reflexão teológica;

- Ensina a consciência profética dos cristãos perante as situações de opressão e injustiça: o grito dos pobres se eleva até Deus e chega à Igreja como apelo urgente de mudança estrutural da realidade, em nível continental e global;

- Perante a cultura da indiferença, ensina a sensibilidade para com os pobres e a indignação com as situações de injustiças: as feições sofredoras dos pobres são as feições do próprio Cristo sofredor, a carne dos pobres que sofrem é a carne do Cristo;

- No âmbito da cultura individualista, ensina a Igreja a organizar-se em pequenas comunidades e em ministérios variados, como autêntica resposta aos dons distribuídos pelo Espírito aos seguidores de Jesus, de acordo com os desafios de cada realidade;

- No contexto de exclusão e alienação consumista, ensina a inserção social e política dos cristãos com vistas à transformação da realidade na busca do Reino de Deus, sabendo que o compromisso social brota do coração do Evangelho;

- Perante a afirmação dos individualismos religiosos e dos tradicionalismos, ensina que a pobreza da Igreja é um testemunho concreto dos bispos, pastores e religiosos que adotam esse estilo de vida como seguimento de Jesus Cristo que se fez pobre e viveu com os pobres; a conversão missionária da Igreja que se refaz permanentemente;

- Ensina também que o testemunho de vida de cristãos pode chegar às últimas consequências com a entrega da própria vida, após os mártires que tombaram na luta pela justiça pelo Continente afora; protagonistas de Puebla são hoje reconhecidos como testemunhos de santidade: Oscar Romeo, Dom Helder Camara, Dom Luciano Mendes.

A herança o Vaticano II e de Medellín é uma Igreja em permanente busca de sua fidelidade a Jesus Cristo e à realidade que a desafia. No final da década de setenta já se podiam fazer balanços dessa nova consciência eclesial e social estruturada como síntese

orgânica entre a fé e a realidade, entre a história e o Reino e entre a oração e a ação (cf. MUÑOZ, 1979) e constituída como uma autêntica tradição de Padres da Igreja no Continente (cf. MARINS, 1979). É, portanto, verdade que as Conclusões de Puebla codificaram um Documento para a posteridade e impulsionaram um movimento histórico-eclesial renovador, mesmo que a III Conferência tenha acontecido com um claro intuito de revisão do *aggiornamento* conciliar consolidado em Medellín.

Puebla constitui um elo do magistério eclesial que se expande desde o Vaticano II como exercício de discernimento dos sinais dos tempos em cada tempo e lugar e como exercício concreto da eclesialidade universal em cada localidade. A realidade atual vincula-se por esses elos ao evento de 1979: a tradição eclesial latino-americana oferece o pressuposto que permite retirar coisas novas do velho baú.

Considerações finais.

A Igreja católica vive em plena era do Vaticano II. O Concílio é como a fonte de um rio que corre e leva suas águas adiante na história da humanidade. Essa imagem foi utilizada por Paulo VI na Audiência de 12 de janeiro de 1966, logo após a conclusão do grande evento. Queria com isso dizer o significado do próprio Vaticano II, como um processo e não como um evento concluído e ser imposto na forma de lei da mesma maneira em todo tempo e lugar. A era conciliar é o tempo de construção do Concílio, por meio dos esforços dos vários sujeitos eclesiais. O Concílio não um decreto legal e não tem um dono eclesial; não é uma aplicação automática e nem um espírito abstrato. É uma referência clara que indica um modo de a Igreja ser e atuar no mundo, um processo sempre em curso que exige discernimento e ação permanentes. Para além dos 17 documentos aprovados pelos padres conciliares, para além da Curia romana e do próprio papado, o Vaticano II se encontra em suas concretizações feitas no tempo e no espaço das Igrejas espalhadas pelo mundo.

Nesse sentido, a tradição conciliar se concretiza na América Latina como Medellín, como Puebla, como Santo Domingo e como Aparecida. Essas Conferências foram nada mais que expressões locais do Concílio: da Igreja povo de Deus, concretizada em cada Igreja particular e na Igreja continental, do exercício da colegialidade, do magistério local, da sensibilidade para com o ser humano concreto, particularmente para com os pobres, da

leitura dos sinais dos tempos e do diálogo com a realidade presente em todas as suas dimensões. Como expressão da era conciliar Puebla não somente reproduz aquelas orientações de *aggiornamento*, mas pratica o *aggiornamento*, acionando o círculo hermenêutico fé-realidade com todas as consequências teóricas e práticas dessa ação permanentemente renovadora.

Afirmar a atualidade de Puebla é pontuar um momento de recepção do Vaticano II no Continente; buscar nos ensinamentos do magistério local os elementos do Evangelho traduzidos no presente e para o presente. Puebla é fonte de pensamento e ensinamento cristão para a América Latina, seja por compor a tradição eclesial, seja por preservar uma atualidade hermenêutica, diante das interrogações e das problemáticas presentes. A tradição eclesial pós-conciliar permanece viva nas Assembleias continentais como ensinamento da Igreja para nossos dias; é tradição viva a Igreja de Jesus Cristo no tempo e no espaço latino-americano e também da Igreja universal. Ademais, o método e o conteúdo de Puebla permanecem atuais porque a realidade de onde brotou como ensinamento permanece fundamentalmente a mesma: o mundo estruturado entre pobres e ricos, o domínio econômico sobre todas as demais dimensões humanas, as alienações humanas e as idolatrias do consumo e do dinheiro, o escândalo das opressões políticas que negam os direitos básicos do ser humano, os poderes totalitários que permanecem vivos no continente, a cultura da indiferença perante o escândalo das injustiças, os processos de despolitização das organizações sociais, o cinismo político que legitima a morte e a violência nas suas expressões mais arcaicas e antimodernas etc. Nesse contexto, Puebla deve ser recuperada como urgência ética e pastoral. Seus ensinamentos ainda são sementes a serem semeadas na realidade presente, luzes que permitem compreender a realidade atual na perspectiva do Evangelho.

Referências bibliográficas:

BOFF, L. Puebla: Ganhos, avanços, questões emergentes. In *REB* 39/153. Petrópolis: Vozes, 1979.

DUSSEL, E. *De Medellín a Puebla: Uma década de sangue e esperança* 3. São Paulo: Loyola, 1983.

FAGGIOLI, M. *Vaticano II: A luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREI BETTO, *Diário de Puebla*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2002.

CELAM. *Conclusões de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1982.

- KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1963.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- LIBANIO, J. B. Introdução. In: *Conclusões de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1982.
- MARINS, J. e Equipe. *De Medellín a Puebla: A práxis dos padres na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MUÑOZ, R. *Nova consciência da Igreja na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- PASSOS, J. D. (Org.). *Diálogos no interior da casa comum: Recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ/Paulus, 2016.
- THEOBALD, C. *A recepção do Concílio Vaticano II*. Vol. I: Acesso à fonte. São Leopoldo: Unisinos, 2015.
- TRUJILLO, A. L. *Opções e interpretações à luz de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1982.
- WEBER, M. *Economía y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.